

Fundamentos escriturísticos do ministério ordenado

D. ANTÓNIO COUTO*

I. INTRODUÇÃO INDICATIVA

1.1. Figuras da mediação

Falar do Ministério Ordenado ou do Sacerdócio é necessariamente falar de mediação¹. O tema da mediação entre Deus e o seu Povo, o Povo e o seu Deus, é um tema antigo e importante e atravessa em filigrana os textos da Escritura Santa. As figurações desta mediação são sobretudo visíveis e compendiáveis no REI, no SACERDOTE e no PROFETA. Ainda que a figura do FILHO DO HOMEM ocupe também lugar de relevo, nem sempre devidamente assinalado².

Ao REI competia, de facto, estar particularmente próximo de Deus e particularmente próximo do seu povo, para lhe levar a paz, a prosperidade, o bem-estar e a felicidade, como atestam bem os Salmos Reais (Sl 2; 18; 20; 21; 45; 72; 89; 101; 110; 132; 144) e a chamada «Lei do Rei» (Dt 17,14-20)³. Ao PROFETA competia sempre, mesmo com o risco da própria vida, captar em onda curta e

* Faculdade de Teologia (UCP). Bispo Auxiliar de Braga.

¹ A. VANHOYE, *Situation du Christ. Hébreux 1-2*, Paris, Cerf, 1969, p. 370.

² Ver P. GRELOT, *L'Espérance juive à l'heure de Jesus*, Paris, Desclée, 1978.

³ L. SABOURIN, *Le Livre des Psaumes traduit et interprété*, Monte Real – Paris, Bellarmin – Cerf, 1988, p. 70-71; S. TERRIEN, *The Psalms. Strophic Structure and Theological Commentary*, Gran Rapids – Cambridge, Eerdmans, 2003, p. 43.

em alta fidelidade (Hi-Fi) a Palavra de Deus, para depois a dizer ao povo. Ao SACERDOTE competia, através do culto, apagar o pecado que cavava um fosso entre Deus e o seu Povo. Enfim, ao FILHO DO HOMEM competia dominar com a doçura da Palavra a criação e a animalidade, não deixando denegrir e recuperando sempre a beleza e a leveza da «imagem de Deus» que o Homem é sobre a terra.

1.2. Resolução destes fios de alta tensão em Jesus

Sendo Jesus da linhagem de David, e procedendo como procedia, não era difícil que se comesse a ver nele o MESSIAS REI esperado e ansiado, como é visível em Jo 4,29; 10,24; Mc 14,61-62. A glorificação pascal de Jesus retira todas as dúvidas⁴: «A este Jesus que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo (MESSIAS)» (Act 2,36), afirma pública e solenemente Pedro na manhã de Pentecostes.

Também a linha da profecia se pode resolver em Jesus. Não no sentido de Jesus poder ser mais um profeta, um entre outros, mas de poder ser «O PROFETA (*hê prophêtês*), o que vem (*ho erchómenos*) ao mundo (*eis tôn kósmon*)» (Jo 6,14; 7,40), «o PROFETA grande» (*prophêtês megas*) (Lc 7,16), cumprindo Dt 18,18, em que Deus promete: «Vou suscitar para eles um PROFETA como tu (Moisés)», promessa ainda não realizada no final do Deuteronomio, em que se lê: «Em Israel, nunca mais surgiu um PROFETA como Moisés» (Dt 34,10), mas cumprida em Jesus, como esclarece Pedro num dos seus primeiros discursos em Jerusalém (Act 3,22)⁵.

Quanto ao FILHO DO HOMEM, ele carrega a fragilidade forte de Ezequiel, interpelado por Deus com esta locução por 93 vezes, e o senhorio dócil do FILHO DO HOMEM de Dn 7,13-14, para aparecer depois nos Evangelhos por 82 vezes (81 nos lábios de Jesus), como locução privilegiada para Jesus se dizer a si mesmo⁶. Aí está a inaudita doçura do domínio novo do FILHO DO HOMEM, figura ultimal, Primeiro e Último, que enlaça o fim dos tempos com a criação e estabelece a ponte para o HOMEM de Gn 1, atravessando, assumindo e

⁴ A. VANHOYE, *Situation du Christ*, p. 365; Ph. BOSSUYT, J. RADERMAKERS, *Témoins de la Parole de la Grâce. Lecture des Actes des Apôtres. 2. Lecture continue*, Bruxelas, Éditions de l'Institut d'Études Théologiques, 1995, p. 155; G. ROSSÉ, *Atti degli Apostoli. Commento esegetico e teologico*, Roma, Città Nuova, 1998, p. 157.

⁵ A. VANHOYE, *Situation du Christ*, p. 365.

⁶ Os Evangelhos usam a expressão por 82 vezes (81 vezes nos lábios de Jesus), nunca em vocativo, sempre em 3.^a pessoa. Recolhe certamente a fragilidade-forte de Ezequiel, interpelado por Deus por 93 vezes com esta expressão, o senhorio dócil sobre a bestialidade de Dn 7,13-14, que evoca o Homem de Gn 1,26-28, com a missão de dominar a animalidade. P. DE MARTIN D VIVIÉS, *Jésus et le Fils de l'Homme. Emplois et significations de l'expression "Fils de l'Homme" dans les Évangiles*, Lyon, PROFAC, 1995, p. 1.3.6.12.

perdoando a nossa violência, repondo o «estado de criação» onde nós tínhamos entretanto imposto o «estado de natureza», ainda que mais tarde amenizado pelas nossas «convenções» de razão⁷.

Quanto à figura do SACERDOTE, um texto do AT põe Deus a fazer a seguinte bela declaração: «Farei surgir um sacerdote fiel, que tudo fará segundo o meu coração e a minha vontade» (1 Sm 2,35). Ao contrário do que possa parecer à primeira vista, não é fácil captar os últimos acordes desta música na figura de Jesus. A esta temática dedicaremos, portanto, e por força das circunstâncias, a nossa atenção adiante.

1.3. Fios entretecidos

Importa referir ainda, neste prelúdio, que os fios que estamos a seguir nem sempre são lineares e estremes. Aparecem, por vezes, entretecidos. É o que se pode ver, por exemplo, na associação do FILHO DO HOMEM de Dn 7,13 com o MESSIAS REI do Sl 110,1⁸. À pergunta do sumo-sacerdote: «És tu o CRISTO (MESSIAS), o filho do Bendito?» (Mc 14,61), Jesus responde assim: «EU SOU! E vereis o FILHO DO HOMEM sentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu» (Mc 14,62)⁹. No dito solene de Jesus, é fácil ver o MESSIÂNICO «Senta-te à minha direita» do Sl 110,1 introduzido em sanduíche no meio do «FILHO DO HOMEM vindo sobre as nuvens do céu» de Dn 7,13.

Composição semelhante, por acostamento, se pode ver entre o SUMO SACERDOTE e o MESSIAS REI na homilia da Carta aos Hebreus: «Temos um SUMO-SACERDOTE que se sentou à direita do trono da Majestade, nos céus» (Hb 8,1; cf. 10,12; 12,2). Note-se este belo contraponto: em Hb 10,11, o sacerdote levítico oficia de pé (*hístêmi*), culto sem descanso; em Hb 10,12, Jesus Cristo oficia sentado (*kathízô*), culto perfeito participando do descanso divino¹⁰.

De modo semelhante, nos Escritos de Qumran, a Regra da Comunidade associa a vinda futura do PPROFETA e dos MESSIAS de AARÃO e de ISRAEL (1 QS IX, 11)¹¹. E muitos outros Documentos de Qumran, entre os quais a Regra da Congregação (1 QS^a), o Ritual das Bênçãos (1 QS^b), o Documento de Damasco (CDC), o Testamento dos Doze Patriarcas, nomeadamente Judá e Levi, associam

⁷ P. BEAUCHAMP, *Testament biblique. Recueil d'articles parus dans Études. Préface de Paul Ricoeur*, Paris, Bayard, 2001, p. 174-176.

⁸ G. RAVASI, *I Salmi. Introduzione, testo e commento*, Cinisello Balsamo, San Paolo, 2006, p. 467.

⁹ B. MAGGIONI, *Il racconto di Marco*, Assis, Cittadella, ed. renovada e ampliada, 2008, p. 271; A. VANHOYE, *Situation du Christ*, p. 104.

¹⁰ L. DUSSAUT, *Carta a los hebreos*, in E. COTHENET, L. DUSSAUT, P. LE FORT, P. PRIGENT, *Escritos de Juan y Carta a los Hebreos*, Madrid, Cristiandad, 1985, p. 315.

¹¹ P. GRELOT, *L'Espérance juive à l'heure de Jesus*, p. 64-65.

a REALEZA com o SACERDÓCIO, com o predomínio deste sobre aquela¹². O Testamento de Levi (18,2 e 9) refere mesmo que «o Senhor suscitará um novo sacerdote, a quem todas as palavras de Deus serão reveladas (...), e, no seu sacerdócio, o pecado terá fim»¹³.

II. A CAMINHO DO SACERDÓCIO DE CRISTO

2.1. Tonalidade

Numa página sublime do Livro dos Números (Nm 17,17-26), Deus ordena a Moisés que recolha as varas de comando (*matteh*) dos chefes das doze tribos de Israel, para, de entre eles, escolher um que exerça o sacerdócio em Israel. Em cada vara foi escrito o nome da respectiva tribo. Por ordem de Deus, o nome de Levi foi substituído pelo de Aarão. As doze varas foram colocadas, ao entardecer, na presença de Deus, na Tenda do Encontro. Na manhã seguinte, todos puderam contemplar que da vara de Aarão tinham desabrochado folhas verdes, flores em botão, flores abertas e frutos maduros (Nm 17,23). Dos frutos é dito o nome: amêndoas! Vara de amendoeira em flor e fruto, que, por ordem de Deus, ficará para sempre na sua presença, diante do Propiciatório (cf. Hb 9,4), entre Deus e o povo, para impedir que o pecado do povo chegue a Deus, e para facilitar que o perdão de Deus chegue ao povo. Já ninguém estranhará agora que o candelabro (*m'nôrah*) que, noite e dia, ardia na presença de Deus, estivesse ornamentado com flores de amendoeira (Ex 25,31-35; 37,20-22). E também já ninguém estranhará que a tradição judaica tardia refira que a vara do Messias havia de ser de amendoeira (*Midrash Rabbah dos Números* 18,23).

Aí estão as coordenadas exactas do lugar do sacerdote e do bispo: entre Deus e o povo. Mais concretamente: pertinho de Deus, mas de um Deus que faz carícias ao seu povo, um Deus que ama e que perdoa; pertinho do povo, o suficiente para lhe entregar esta carícia de Deus.

2.2. Estação terminal

Entremos na estação, e ouçamos com atenção as palavras oportunas do pregador¹⁴ da Carta aos Hebreus:

¹² P. GRELOT, *L'Espérance juive à l'heure de Jesus*, p. 65-71.

¹³ P. GRELOT, *L'Espérance juive à l'heure de Jesus*, p. 81-82.

¹⁴ A «Carta aos Hebreus», de carta, só tem o epílogo acrescentado (13,22-25). De resto, a «Carta aos Hebreus» não é uma carta, mas um sermão, o único sermão que o Novo Testamento

«**4**,¹⁶ Aproximemo-nos (*proserchómetha*), portanto, com toda a liberdade (*meta parrêsías*) do trono da graça (*cháris*), a fim de recebermos misericórdia (*éleos*) e encontrarmos graça (*cháris*) como auxílio oportuno» (Hb 4,16).

«**10**,¹⁹ Tendo, portanto, irmãos, liberdade (*parrêsían*) para entrar no Santuário (*eis tèn eísodon tòn hagiôn*) no sangue de Jesus,²⁰ que inaugurou (*enekainísen*) para nós um caminho novo e vivo (*hodòn prósphaton kai zôsan*) através do véu, isto é, da sua carne,²¹ temos um Sacerdote grande (*hieréa mégan*) sobre a casa de Deus (*epi tòn oîkon tou Theou*),²² aproximemo-nos (*proserchómetha*) de coração verdadeiro, na plenitude da fé (*en plêrophoría písteôs*) [...],²³ conservemos a profissão da esperança indeclinável (*tèn homologían tês elpídos aklinê*) [...],²⁴ e prestemos atenção uns aos outros com o paroxismo do amor (*eis paroxysmòn agápês*)» (Hb 10,19-24).

Imensa novidade. A exortação vai no sentido de nos aproximarmos de Deus, da intimidade de Deus, interdita no Antigo Testamento sob pena de morte (Nm 3,10 e 38)¹⁵, apenas acessível uma vez no ano ao Sumo-Sacerdote¹⁶.

E detenhamo-nos agora no átrio da estação, guiados sempre pela luz nova da Carta aos Hebreus:

«**2**,¹⁷ Portanto, devia em tudo (*katà pánta*) aos irmãos ser semelhante (*hómoios*), a fim de misericordioso (*eleêmôn*) se tornar e fidedigno (*pístós*) SUMO-SACERDOTE (*archieús*) nas coisas para com Deus, para propiciar (*eis tò hiláskesthai*) os pecados do povo» (Hb 2,17).

Espantoso texto, sobrecarregado de importantes notas, em que pulsa uma novidade nova, a acompanhar a primeira menção de Jesus como SUMO-SACERDOTE. Para se poder entender o alcance destas afirmações, impõe-se uma viagem em contraponto e contracorrente por caminhos anteriores.

terá conservado integralmente, e que pode servir de modelo à pregação cristã. O autor não diz uma única vez que «escreve», mas sempre que «fala» (2,5; 5,11; 6,9; 8,1; 9,5; 11,32. A. VANHOYE, *L'Épître aux Hébreux*, in A. GEORGE, P. GRELOT (eds.), *Introduction critique au Nouveau Testament. Les Épîtres Apostoliques*, III, Paris, Desclée, 1977, p. 208-211.

¹⁵ A. VANHOYE, *Le sacerdoce dans l'Ancien Testament*, in *Biblia*, 82, 2009, p. 6 e 25.

¹⁶ A. VANHOYE, *L'Épître aux Hébreux*, p. 225-226.

2.3. Anotações de viagem

2.3.1. *Jesus Sumo-Sacerdote: uma concepção original*

A primeira e importante anotação a fazer é que nos deparamos aqui, nesta lição da Carta aos Hebreus 2,17, pela primeira vez em todo o NT, com a atribuição a Jesus do título de SUMO-SACERDOTE. Acrescentando logo que a Carta aos Hebreus atribui a Jesus o título de SUMO-SACERDOTE (*archiereús*) por 12 vezes (2,17; 3,1; 4,14 e 15; 5,5 e 10; 6,20; 7,26 e 28; 8,1; 9,11; 10,21)¹⁷ e o de SACERDOTE (*hiereús*) por 4 vezes (5,6; 7,15 e 17 e 21)¹⁸. Dito isto, é preciso afirmar agora que o título de SACERDOTE (*hiereús*) e o de SUMO-SACERDOTE (*archiereús*) atribuídos a Jesus são, no Novo Testamento, um exclusivo da Carta aos Hebreus e sua originalidade absoluta¹⁹.

Na verdade, nenhum outro texto do Novo Testamento dá a Jesus o título de SACERDOTE (*hiereús*) ou de SUMO-SACERDOTE (*archiereús*). Estes dois termos estão completamente ausentes do vocabulário de S. Paulo. São usados nos Evangelhos, mas sempre em referência ao sacerdócio judaico. A mesma situação se verifica no Livro dos Actos dos Apóstolos, com a única excepção de Act 14,13, em que se fala do «sacerdote» (*hiereús*) de Zeus. Do mesmo modo, o Livro do Apocalipse nunca diz que Cristo seja «sacerdote», ainda que refira a dignidade sacerdotal do povo cristão (Ap 1,6; 5,10; 20,6), na linha do «reino de sacerdotes, nação santa» que Ex 19,6 atribuía ao povo de Israel. A mesmíssima leitura de Ex 19,6 está patente em 1 Pe 2,5 e 9.

2.3.2. *Da constatação à questão*

O facto que acabámos de verificar, e que consiste na atribuição do título de «SACERDOTE» a Jesus Cristo ser um exclusivo da Carta aos Hebreus, levanta uma dupla questão²⁰: 1) Por que razão sentiu o autor da Carta aos Hebreus a necessidade de dar a Cristo este novo título? 2) Por que razão não foram os cristãos levados a atribuir mais cedo este novo título a Jesus?

¹⁷ O título de «sumo-sacerdote» (*archiereús*) encontra-se ainda por mais quatro vezes na Carta aos Hebreus (5,1; 7,27; 8,3; 9,7), designando nestes casos, todavia, o sumo-sacerdote levítico.

¹⁸ O termo encontra-se ainda por mais seis vezes na Carta aos Hebreus (7,3 e 20 e 23; 8,4; 9,6; 10,11). Em 7,3 refere-se a Melquisedec, estando as restantes cinco referências em relação com o sacerdote levítico.

¹⁹ A. VANHOYE, *Situation du Christ*, p. 362; A. VANHOYE, *L'Épître aux Hébreux*, p. 219; L. DUSSAUT, *Carta a los hebreos*, p. 308 e 328.

²⁰ A. VANHOYE, *Situation du Christ*, p. 362.

2.3.3. Da questão ao caminho e à reflexão

É e não é espantoso que um pregador do século I tenha tido a ideia de atribuir a Cristo o título de «SUMO-SACERDOTE» (*archiereús*).

É sabido que a tradição religiosa judaica tinha em grande consideração a instituição sacerdotal. Basta folhear o Antigo Testamento para ver a enorme importância dos sacerdotes e do culto que oficiavam. O Livro do Êxodo, por exemplo, dá o maior destaque às prescrições relativas à construção do Santuário e à investidura dos sacerdotes (Ex 25-31; 35-40). É hoje inquestionável que a narrativa da aliança do Sinai (Ex 19,1-24,11; 32-34), sem perder a sua importância, se transformou em rampa de lançamento relativamente à narrativa do Santuário no meio do acampamento de Israel (Ex 24,12-31,27; 35-40). Pelo que o objectivo último do acampamento de Israel no Sinai durante a viagem do Egipto para a Terra Prometida não é a aliança, ainda que importante, mas o Santuário permanente como lugar da presença de Deus no meio de Israel²¹, ponto auge da comunhão-comunicação de Deus com o seu Povo. Imediatamente a seguir, o Livro do Levítico abre com longos Capítulos dedicados aos sacrifícios e à consagração do sumo-sacerdote (Lv 1-10). A história posterior de Israel estabelece uma conexão cada vez mais estreita entre a dinastia real e o Templo de Jerusalém, edificado pelo Filho de David. Depois do Exílio, o grande acontecimento é a reconstrução do Templo, levada a cabo pelos esforços conjugados do «Filho de David», Zorobabel, e do sumo-sacerdote, Josué (Esd 1,1-4; 3-6; Zc 3; 4; 6,9-14; Ag 1,1-2,9). Para o autor das Crónicas, a Casa de David e o sacerdócio levítico são os dois pilares em que assenta o edifício do Povo de Deus.

Poderíamos ainda reclamar, a propósito, as expectativas do judaísmo tardio já atrás enunciadas, que entretecem os messianismos real e sacerdotal.

Do percurso feito, torna-se visível e compreensível que, não obstante as notórias diferenças de perspectiva, é claro que a esperança bíblica e judaica se revestia também de uma componente sacerdotal²².

2.3.4. Jesus é o MESSIAS SACERDOTE?

E compreende-se também que os cristãos, que viam no mistério de Cristo a realização definitiva do plano plenificado de Deus, tivessem que se pôr ainda, mais tarde ou mais cedo, esta questão: de que maneira o mistério de Cristo

²¹ R. KNIERIM, *The Task of Old Testament Theology. Substance, Method and Cases*, Grand Rapids – Cambridge, Eerdmans, 1995, p. 361-365; G. PAXIMADI, *E io dimorerò in mezzo a loro. Composizione e interpretazione di Es 25-31*, Bolonha, EDB, 2004, p. 18 e 36-37; Th. B. DOZEMAN, *Commentary on Exodus*, Grand Rapids – Cambridge, Eerdmans, 2009, p. 5-7 e 723-726.

²² A. VANHOYE, *Situation du Christ*, p. 364.

respondia a esta expectativa de um cumprimento sacerdotal? E Jesus era ou não o MESSIAS SACERDOTE?

Deixando de lado os nossos preconceitos, e colocando-nos na pele dos primeiros cristãos, salta à vista que a resposta devia ser negativa. Em boa verdade, a situação de Cristo parecia sem qualquer relação com o ministério sacerdotal²³.

Como se podia afirmar que Jesus era o MESSIAS SACERDOTE, não sendo ele de ascendência sacerdotal? E era bem sabido que, entre os Judeus, o sacerdócio não era uma vocação, mas uma dignidade que apenas se transmitia por via hereditária, dentro da tribo de Levi e de Aarão²⁴. Para se fazer uma ideia da importância dos dados anagráficos na cultura semítica em geral e na classe sacerdotal em particular, basta considerar o bem conhecido episódio de alguns sacerdotes que, no regresso do exílio, foram excluídos do sacerdócio por não terem encontrado os seus registos genealógicos (Esd 2,61-62; Ne 7,63-64)²⁵. A respeito de Jesus, refere o próprio texto da Carta aos Hebreus: «É bem conhecido, de facto, que Nosso Senhor surgiu de Judá, tribo a respeito da qual Moisés nada falou acerca de sacerdotes» (Hb 7,14)²⁶. A Lei de Moisés repete uma e outra vez que só Aarão e os seus filhos «tinham o encargo do santuário» (Ex 28,1; 30,30; Nm 3,10 e 38), e que «todo o estranho que dele se aproximasse devia ser morto» (Nm 3,10 e 38). Na verdade, durante a sua vida, Jesus nunca exerceu funções sacerdotais, e tão-pouco manifestou qualquer pretensão nesse sentido. Foi mesmo, por diversas vezes, objecto da hostilidade dos sumo-sacerdotes, e a sua morte de condenado na Cruz separou-o definitivamente da esfera sagrada do culto ritual, fazendo dele um amaldiçoado, e, portanto, separado de Deus e da comunidade (Gl 3,13)²⁷. De resto, a Paixão e Morte de Jesus decorreram na praça pública, e não no recinto sagrado do Templo²⁸.

Ainda que a condenação de Jesus pudesse ser vista como injusta, o facto é que nem a pessoa de Jesus nem a sua obra se mostravam de acordo com a imagem que se fazia de um MESSIAS SACERDOTE. Assim se explica facilmente que a pregação primitiva acerca de Jesus não tenha recorrido a

²³ A. VANHOYE, *Situation du Christ*, p. 364.

²⁴ A. VANHOYE, *Situation du Christ*, p. 365.

²⁵ N. HUGEDÉ, *Le sacerdoce du Fils. Commentaire de l'Épître aux Hébreux*, Paris, Fischbacher, 1983, p. 78.

²⁶ «Por ser da tribo de Judá, não podia exercer o sacerdócio levítico». R. FABRIS, *La espiritualidad de la carta a los hebreos*, in G. BARBAGLIO (ed.), *Espiritualidad del Nuovo Testamento*, Salamanca, Sígueme, 1994, p. 287.

²⁷ A. VANHOYE, *L'Épître aux Hébreux*, p. 219.

²⁸ B. MAGGIONI, *Il culto nel Nuovo Testamento*, in S. A. PANIMOLLE (ed.), *Culto Divino-Liturgia*, Vol. 12 do *Dizionario di Spiritualità biblico-patristica. I grandi temi della S. Scrittura per la «Lectio Divina»*, Roma, Borla, 1996, p. 103.

este título. Para falar da Paixão, também não se serviu de expressões rituais. Usou antes uma linguagem de teor existencial, como: «Cristo morreu por nós» (1 Ts 5,10), «Deus entregou-o por nós» (Rm 8,22), Cristo «amou-me e entregou-se a si mesmo por mim» (Gl 2,20), «Ele veio, não para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate pela multidão» (Mc 10,45). Outros textos falam ainda de «obediência» (Fl 2,8), de «cumprimento da vontade de Deus» (Mc 14,36; Act 2,23), de «reconciliação realizada» (2 Cor 5,19), de «libertação» (Gl 5,1). Nenhuma destas formulações tem a ver com a linguagem sacerdotal²⁹.

Para ver no mistério de Cristo o cumprimento do sacerdócio antigo, era preciso um vigor invulgar de reflexão, pois era necessário rebentar a estreiteza dos conceitos rituais antigos e ir ao fundo das coisas. Foi o que fez o autor da Carta aos Hebreus³⁰.

2.3.5. *Forma inesperada de aceder ao sacerdócio: assemelhação e não separação*

Para tanto, e no que se refere a Cristo e ao Sacerdócio, ao Sacerdócio de Cristo, a Carta aos Hebreus vai apresentar a forma como se concebe e se acede ao sacerdócio de uma forma completamente inesperada. E o inesperado está neste: a condição para aceder ao SUMO-SACERDÓCIO consiste na total assemelhação aos homens, devendo o Cristo tornar-se em tudo semelhante aos seus irmãos, conforme a grande lição de Hb 2,17. Refere bem Paul Beauchamp que «segundo a Carta aos Hebreus, é esta assemelhação precisamente a condição para que Ele seja verdadeiramente sacerdote»³¹.

Ora, nem a tradição bíblica antiga, nem a história cultural mais recente apon-tavam nesse sentido. Bem pelo contrário, em vez de falarem de assemelhação, os textos do Antigo Testamento salientavam a necessidade da separação³².

Assim, para reunirem condições para entrar em contacto com as realidades sagradas, os filhos de Levi são separados, postos à parte: não têm herança alguma entre os filhos de Israel (Nm 18,23-24), e são recenseados separadamente (Nm 3,15; 26,62). Conclui assim taxativamente Nm 26,62 acerca dos levitas: «Ao todo foram recenseados vinte e três mil homens, da idade de um mês para cima. Pois não haviam sido recenseados com os israelitas, não tendo recebido herança no meio deles».

²⁹ A. VANHOYE, *Situation du Christ*, p. 365-366.

³⁰ A. VANHOYE, *Situation du Christ*, p. 366.

³¹ P. BEAUCHAMP, *Conférences. Une exégèse biblique*, Paris, Éditions Facultés Jésumites de Paris, 2004, p. 90

³² A. VANHOYE, *Situation du Christ*, p. 368.

E no que se refere a Aarão e à sua família, portanto ao SUMO-SACERDÓCIO, a separação é ainda mais vincada e marcada por ritos de consagração longamente descritos nos Livros do Êxodo e do Levítico, requerendo-se banho ritual, vestes próprias, unção e sacrifícios (Ex 28-29; 39; 40,13-15; Lv 8-9)³³.

Desta maneira, o SUMO-SACERDOTE era visto como alguém elevado muito acima do comum dos mortais³⁴. O autor do Livro do Eclesiástico (ou Ben-Sirá) começa assim a falar de Aarão:

«45,⁶Elevou [Deus] Aarão, santo semelhante a Moisés, seu irmão, da tribo de Levi. ⁷Instalou-o por decreto eterno, e deu-lhe o sacerdócio do povo. Fê-lo feliz com o seu ornamento, e cobriu-o com vestes de glória. ⁸Revestiu-o de glória perfeita, e preparou-lhe ricos ornamentos (...). ⁹Para circundar as suas vestes, deu-lhe romãs e numerosas campainhas de ouro ao redor, para tocar a cada passo seu, e fazer ouvir, no Templo, um eco, como memorial para os filhos do seu povo: ¹⁰As vestes sagradas de ouro, de púrpura violeta, de escarlate (...), ¹²diadema de ouro sobre o turbante, trazendo gravada a inscrição de consagração, decoração soberba, trabalho magnífico, delícia para os olhos são esses ornamentos. ¹³Nada de semelhante houve antes dele, e jamais estrangeiro algum os vestiu, mas somente os seus filhos, e os seus descendentes para sempre. ¹⁴Os seus sacrifícios se consumiram inteiramente, duas vezes por dia, sem interrupção. ¹⁵Moisés consagrou-o e ungiu-o com o óleo santo. Foi para ele aliança eterna, assim como para a sua descendência, enquanto durarem os céus, para que ele presida ao culto, exerça o sacerdócio, e abençoe o povo em nome do Senhor» (Ecli 45,6-15).

E de Simão, também SUMO-SACERDOTE, diz o mesmo autor extasiado:

«50,⁵Como ele era majestoso (...) ¹¹quando vestia as suas vestes de gala e se revestia dos seus esplendorosos ornamentos, quando subia ao altar sagrado e enchia de glória o recinto do santuário» (Ecli 50,5 e 11).

Como se vê, o autor do Livro do Eclesiástico, mas sucede o mesmo nos Livros do Êxodo e do Levítico, demora-se e delicia-se a descrever o esplendor sem igual do SUMO-SACERDOTE. O SUMO-SACERDÓCIO torna-o diferente

³³ N. HUGEDÉ, *Le sacerdote du Fils*, p. 49; F. MANZI, *Melchisedec e l'angelologia nell'Epistola agli Ebrei e a Qumran*, Roma, Pontificio Istituto Biblico, 1997, p. 112.

³⁴ A. VANHOYE, *Situation du Christ*, p. 368; F. MANZI, *Melchisedec e l'angelologia nell'Epistola agli Ebrei e a Qumran*, p. 112.

dos outros seres humanos. Os ornamentos sagrados exprimem a sua glória sem igual³⁵. As vestes de Aarão, de acordo com as instruções dadas por Deus a Moisés, devem ser «santas» (*qodesh*), e devem deixar transparecer «glória (*kabôd*) e beleza (*tiph'aret*)» (Ex 28,2). Thomas Dozeman comenta acertadamente que a descrição das vestes como «santas» comporta uma conotação celeste, não terrestre, e anota também a propósito que o termo «glória» (*kabôd*), usado para mostrar o esplendor das vestes sacerdotais é o mesmo que é usado para descrever a presença de Deus na montanha (Ex 24,15-18)³⁶ e no Santuário (Ex 40,34-35)³⁷. «O ofício sacerdotal é inseparável do esplendor das vestes do SACERDOTE»³⁸, pelo que passam de pai para filho, e o filho que as vestir fica investido no ofício de SUMO-SACERDOTE (Ex 29,29-30). Veja-se o caso de Eleazar, que é revestido com as vestes de Aarão, pouco antes da morte deste (Nm 20,26 e 28)³⁹.

É sintomática a história de Nadab e Abiú, os filhos mais velhos de Aarão, e também eles sacerdotes, como se refere em Ex 28,1 e Ex 30,30. Tendo oferecido a Deus um fogo irregular, não segundo as normas prescritas⁴⁰, veio de Deus um fogo que os queimou e matou (Lv 10,1-2). Mas, sintomaticamente, não queimou as suas vestes sagradas (Lv 10,5)⁴¹.

Vale sempre a pena estabelecer o confronto entre as vestes de gala do SUMO-SACERDOTE e a indumentária dos Doze enviados em missão no discurso missionário de Jesus⁴², sem ouro, nem prata, nem cobre, nem alforje, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bastão! (Mt 10,9-10).

2.3.6. *Ambição, cobiça, ciúme, comércio, luta*

Perante tão reluzente majestade, não admira que o ofício do SUMO-SACERDOTE suscitasse desde cedo, desde o deserto do Sinai, naturais ambições, cobiças e ciúmes. É o que se pode ver nos casos de Coré, Datã e Abirã, e mais 250 chefes israelitas, como narra o Livro dos Números (16-17; cf. Ecl 45,18). Estes homens protestaram, dizendo: «Basta! Toda a comunidade e todos os seus membros são consagrados, e YHWH está no meio deles. Por que é que então vos exaltais acima da assembleia de YHWH?» (Nm 16,3). Por causa desta sua ambição e cobiça, diz o texto, «a terra abriu a sua boca e engoliu-os» (Nm 16,32).

³⁵ A. VANHOYE, *Situation du Christ*, p. 368.

³⁶ Th. B. DOZEMAN, *Commentary on Exodus*, p. 643.

³⁷ Th. B. DOZEMAN, *Commentary on Exodus*, p. 765.

³⁸ Th. B. DOZEMAN, *Commentary on Exodus*, p. 642.

³⁹ Th. B. DOZEMAN, *Commentary on Exodus*, p. 643.

⁴⁰ G. DEIANA, *Levitico. Nuova versione, introduzione e commento*, Milão, Paoline, 2005, p. 111.

⁴¹ Th. B. DOZEMAN, *Commentary on Exodus*, p. 643.

⁴² A ideia sugestiva pode ver-se em Th. B. DOZEMAN, *Commentary on Exodus*, p. 642.

Esta cobiça e ambição tornaram-se ainda mais intensas após o Exílio, tendo em conta que a autoridade religiosa do SUMO-SACERDOTE se viu então aumentada com o poder político. O Segundo Livro dos Macabeus (2 Mac 4) mostra bem como o SUMO-SACERDÓCIO é objecto de ambição e cobiça, e comprado por quem der mais. É assim que Jasão o compra, vendo-se pouco depois ultrapassado por uma oferta superior de Menelau!

No primeiro século da era cristã, o historiador Flávio Josefo mostra que o Pontificado tinha caído numa situação deplorável, pois era objecto de cobiças e lutas por parte de homens que o consideravam como um meio para se elevarem acima dos outros. O Pontificado constituía o ponto mais alto e ambicionado da carreira. Para atingirem esse cume, utilizava-se o dinheiro e as influências políticas.

2.3.7. *Em tudo semelhante aos seus irmãos*

Vista neste contexto, a afirmação da Carta aos Hebreus (2,17) é fortíssima e opera um forte contraste. «Para se tornar SUMO-SACERDOTE», Jesus Cristo tem de renunciar a todos os privilégios, e, em vez de se elevar acima do povo, deve «tornar-se em tudo semelhante aos seus irmãos», aceitando mesmo o supremo abaixamento da Cruz⁴³.

Esta atitude de Jesus Cristo, declarado SUMO-SACERDOTE, não se opõe apenas aos abusos narrados e deplorados no Livro dos Números, no 2 Livro dos Macabeus e por Flávio Josefo. Opõe-se também às ideias tradicionais dos Judeus piedosos, que tinham em grande conta a «santidade» do sacerdócio e velavam escrupulosamente para que fossem sempre salvaguardadas as separações legais entre o SUMO-SACERDOTE e o mundo profano. Para o Judeu piedoso, era claramente incompatível com a concepção do sacerdócio que o SUMO-SACERDOTE se assemelhasse em tudo ao povo fiel. Aos olhos do Judeu piedoso, era necessário que o SACERDOTE e o SUMO-SACERDOTE tivessem um estatuto elevado em relação ao povo. Só estando mais perto de Deus, podia o SACERDOTE exercer eficazmente a mediação entre Deus e o povo, isto é, operar a elevação do homem até Deus. O objectivo do sacerdócio foi sempre o estabelecimento de uma mediação salvífica entre os homens e Deus. Todavia, o complexo sistema de separação ritual destinado a fazer entrar o SACERDOTE na esfera de Deus acabou por não realizar o objectivo da mediação salvífica desejada, pois o sistema mostrava-se incapaz de elevar o SACERDOTE até Deus, ao mesmo tempo que o separava dos seus irmãos⁴⁴.

⁴³ A. VANHOYE, *Situation du Christ*, p. 369.

⁴⁴ F. MANZI, *Melchisedec e l'angelologia nell'Epistola agli Ebrei e a Qumran*, p. 112-113.

Esta mediação, para ser eficaz, requer, portanto, da parte do SACERDOTE, uma dupla relação: com os homens e com Deus. Ora, no sacerdócio antigo, a relação com os homens não fazia problema; era por demais evidente, sendo o SACERDOTE um homem como os outros, membro de uma família humana, sujeito às fraquezas humanas. Era, portanto, natural que toda a atenção se centrasse no segundo pólo: Deus. As cerimónias rituais visavam este objectivo: pôr o SACERDOTE ou o SUMO-SACERDOTE em relação directa com Deus, elevá-lo até Deus, torná-lo agradável a Deus. As separações exigidas não eram senão a inevitável contrapartida deste empreendimento, não se concebendo a união com Deus senão à custa de uma ruptura com as amarras terrenas e profanas⁴⁵.

Também salta agora à vista que, no caso de Jesus, Filho de Deus, unido a Deus na glória de modo perfeito, era necessário acentuar o pólo oposto: a sua fraternidade radical com os homens, em tudo. Tinha, portanto, de atravessar o sofrimento e de ir até à morte, com um olhar novo de misericórdia, que não se dirige ao pecado de alguém, mas ao seu sofrimento, e que não tem nada a ver com o «desgraçado culto do sofrimento». É por isso que Ele tem de tomar o nosso corpo, de assumir a nossa condição, o nosso pecado⁴⁶, a nossa morte, as nossas reversões, para as levar até ao ponto de irreversibilidade⁴⁷. A Carta aos Hebreus afirma espantosamente que «Era preciso» que o «Pioneiro (*archêgós*) da salvação⁴⁸ deles fosse, através dos sofrimentos, tornado perfeito (*teleiôsai*)» (Hb 2,10; cf. 7,28)⁴⁹. É sabido que este verbo *teleiôô* [= tornar perfeito] e o nome que designa a acção correspondente *teleiôsis* [= perfeição, cumprimento] designam, em sentido técnico, a ordenação sacerdotal, e traduz a expressão hebraica *malle' yad* [= encher as mãos, ordenar sacerdote] (cf. Ex 29,22)⁵⁰. É de mudança do olhar que falo, paixão por Deus enquanto compaixão, compaixão enquanto expressão da paixão por Deus, «mística da compaixão», «mística dos olhos abertos», para usar expressões concretas de Johann Baptist Metz⁵¹.

⁴⁵ A. VANHOYE, *Situation du Christ*, p. 370.

⁴⁶ Na força das palavras de Paulo, ele foi enviado numa «carne semelhante à do pecado» (Rm 8,3), foi «feito maldição» por nós (Gl 3,13), Deus «fê-lo pecado por causa de nós» (2 Cor 5,21). P. BEAUCHAMP, *D'Une montagne à l'autre. La loi de Dieu*, Paris, Seuil, 1999, p. 232.

⁴⁷ P. BEAUCHAMP, *Le Récit, la Lettre et le Corps. Essais bibliques*, «Cogitatio Fidei», Paris, Cerf, nova edição aumentada, 1992, p. 125.

⁴⁸ A expressão «pioneiro da salvação» é usada só aqui em toda a Escritura. A. VANHOYE, *Situation du Christ*, p. 315.

⁴⁹ P. BEAUCHAMP, *Conférences*, p. 91.

⁵⁰ A. VANHOYE, *Situation du Christ*, p. 325-326; L. DUSSAUT, *Carta a los hebreos*, p. 315-316; Th. B. DOZEMAN, *Commentary on Exodus*, p. 657.

⁵¹ J. B. METZ, *Sobre o futuro do Cristianismo na Europa do Século XXI*, in *Igreja e Missão*, 204-206, 2007, p. 436-438.

Convenhamos que esta maneira de conceber o sacerdócio era impensável e inimaginável para o Antigo Testamento.

Em tudo semelhante aos homens. A Carta aos Hebreus dizia-o, empregando o adjectivo raro «misericordioso» (*eleêmôn*). No NT, só aqui e em Mt 5,7, onde se lê: «Bem-aventurados os misericordiosos (*eleêmones*), porque alcançarão misericórdia (*eleêthêsontai*: fut. pass. de *eleéô*)», que remete para o verbo hebraico *hanan*⁵². É verdade: a misericórdia de Jesus para com a humanidade constitui a característica essencial da sua mediação sacerdotal, como fica bem expresso em Hb 2,17⁵³.

2.3.8. A misericórdia

Outra vez o contraponto. Como fundamento do sacerdócio, vários textos do AT parecem requerer a severidade, e não a misericórdia. Para ser admitido à proximidade de Deus, era preciso ter a coragem de se colocar contra os pecadores. Aquando do episódio idolátrico do bezerro de ouro (Ex 32), lemos o seguinte:

«**32**,²⁶Moisés (...) exclamou: “Quem for de YHWH venha para junto de mim!” Todos os filhos de Levi se reuniram à volta dele. ²⁷Ele disse-lhes: “Assim fala YHWH, o Deus de Israel: cingi, cada um de vós, a espada; passai e tornai a passar pelo acampamento, de porta em porta, e matai, cada qual, o seu irmão, o seu amigo, o seu parente”. ²⁸Os filhos de Levi fizeram segundo a palavra de Moisés, e naquele dia, morreram do povo uns três mil homens. ²⁹Então Moisés disse: “Hoje recebestes a investidura sacerdotal...”» (Ex 32,26-29).

Episódio semelhante e igualmente cruel é o levado a cabo pelo sacerdote Fineias, filho de Eleazar, filho de Aarão, que trespassou com a lança um israelita e uma mulher de Madiã que aquele levava para a sua tenda. Este acto zelosamente cruel garantiu a Fineias e à sua descendência o sacerdócio perpétuo (Nm 25,6-13; Ecli 45,23-24).

E a bênção concedida à tribo de Levi (Dt 33,8-11) confirma esta perspectiva, vincando a ruptura de todos os laços familiares:

⁵² H. J. STOEBE, *hnn*, *Ser compasivo*, in E. JENNI, Cl. WESTERMANN (eds.), *Diccionario Teológico manual del Antiguo Testamento*, I, Madrid, Cristiandad, 1978, cols. 815-829.

⁵³ F. MANZI, *Melchisedec e l'angelologia nell'Epistola agli Ebrei e a Qumran*, p. 116.

«33,⁹Ele diz de seu pai e de sua mãe: “Nunca os vi”. Ele não conhece mais os seus irmãos e ignora os seus filhos. Sim, eles observaram a tua palavra e mantêm a tua aliança» (Dt 33,9).

Como se, para nos aproximarmos de Deus, fosse necessário voltar as costas aos nossos irmãos! Pelo contrário, diz bem alto a Carta aos Hebreus, acostando os termos «misericordioso» e «SUMO-SACERDOTE». E outra vez a escrita limpa de Paul Beauchamp: «Foi apenas o seu acto histórico de compaixão, aquele que a Carta aos Hebreus soube pôr diante de nós com tamanha densidade, que fez dele SUMO-SACERDOTE»⁵⁴.

III. CONCLUSÃO INDICATIVA

Nem contra os nossos irmãos nem passar ao lado deles, como fez o sacerdote da parábola de Lc 10,31. O verdadeiro SUMO-SACERDOTE «devia em tudo aos irmãos ser semelhante, a fim de misericordioso se tornar» (Hb 2,17). Todos os caminhos ou fios ou figuras passam pela assemelhação e vão dar à misericórdia.

Retenhamos os marcadores principais, que apontam bem a missão do sacerdote à maneira e conforme o estilo de Jesus:

1) o sacerdote deve «Em tudo ser semelhante aos seus irmãos», indo ao seu encontro, abaixando-se até eles para lhes lavar os pés e a alma⁵⁵;

2) todos os seus passos devem ser movidos pela misericórdia, amor entranhado e maternal, que o deve levar a dar a vida pelos seus filhos, nunca se limitando a «passar ao lado deles»;

3) o seu estilo deve ser o estilo do Bom Pastor, que dá a vida pelas suas ovelhas, que vai à procura da ovelha perdida até a encontrar, dedicando a todos e a cada um o tempo todo, de forma personalizada;

4) no seguimento do que acabo de salientar, importa ainda acentuar que a busca da ovelha perdida, com amor paternal e maternal dedicado e sem termo à vista, é hoje um marcador importante da missão sacerdotal;

5) o estilo passa pela «comoção»⁵⁶ do «como»: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei»; «como Eu vos fiz, fazei vós uns aos outros»; «como o Pai me enviou, também Eu vos envio»...;

⁵⁴ P. BEAUCHAMP, *Conférences*, p. 89.

⁵⁵ H. URS VON BALTHASAR, *L'amour seul est digne de foi*, Aubier, Montaigne, 1966, p. 130-131.

⁵⁶ Ver CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe* (13-31 de Maio de 2007), São Paulo, CNBB – Paulinas – Paulus, 2007, n.º 362. Além do sentido de forte transformação que o termo «comoção» tem no Documento de Aparecida, sobrepomos-lhe aqui um sentido novo assente naquele «como» que implica a imitação de Jesus.

6) é ainda importante ter em conta que o sacerdote é chamado a ser líder-pioneiro (*archegós*) à maneira de Jesus: deve, por isso, saber o caminho, mostrar o caminho e fazer o caminho, ensinando e entusiasmando as ovelhas a segui-lo⁵⁷;

7) fica claro o rumo belo e novo que Jesus imprimiu ao sacerdócio: por assemelhação e não por separação, por misericórdia e mansidão e não por severidade, por despojamento e simplicidade, e não por ostentação e posse.

A história do exercício pós-apostólico do sacerdócio (desde Jesus Cristo e os Apóstolos até hoje) trata-se em poucas linhas: umas vezes seguiu o marcador da assemelhação, da misericórdia e da dedicação e do despojamento, e outras vezes resvalou para a separação, a severidade e a ostentação. É tempo de regressar ao essencial, isto é, a Cristo.

E termino outra vez com um belo desafio de Johann Baptist Metz⁵⁸: neste mundo globalizado, não é apenas o sofrimento e a infelicidade que estão um pouco por toda a parte, perto de nós e longe de nós; também o Cristianismo está presente em toda a parte, aqui e ali, umas vezes em minoria, outras em maioria. E não é por acaso que a Igreja é a instituição global mais antiga do nosso mundo. Ela está praticamente em toda a parte, podendo sentir e ouvir os apelos. Vendo com precisão, para a Igreja não há nenhuma infelicidade longínqua, nenhum sofrimento fora do alcance. As estatísticas dizem-nos que há sobre a terra mais de dois mil milhões de cristãos. No limiar deste novo século, impõe-se sonhar: o que aconteceria, que mundo nasceria, se todos os cristãos, cada um no seu mundo, ousassem avançar com a experiência desta paixão, ainda que pequenina como um grão de mostarda, mas sempre nova, paciente e persistente?

⁵⁷ A. A. D'SOUZA, *Empowered Pastoral Leadership. Bishops as Strong Pastoral Leaders*, in CONGREGAZIONE PER I VESCOVI, *Duc in Altum. Pellegrinaggio alla Tomba di San Pietro. Incontro di riflessione (Roma 15-23 settembre 2008)*, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2008, p. 287-312.

⁵⁸ Ver J. B. METZ, *Sobre o futuro do Cristianismo na Europa do Século XXI*, p. 442.